

2

Algumas transformações dos relacionamentos amorosos e das formas de procurar parceiros ao longo do tempo

Este capítulo tem como objetivo demonstrar que as formas de procurar um parceiro para um relacionamento amoroso foram se modificando ao longo do tempo.

Na literatura encontrada, ficou claro que, para a procura de parceiros, homens e mulheres sempre necessitaram de espaços, ou seja, locais que eles freqüentavam para conhecer possíveis pretendentes. E, ainda, códigos que eram as formas de comunicação não-verbais e regras da boa e da má conduta na paquera e nos momentos de aproximação de futuros pretendentes.

Pretendo, portanto, mencionar algumas formas de procurar um parceiro, os locais freqüentados e alguns códigos utilizados no contexto brasileiro em três momentos marcados por profundas alterações nos relacionamentos amorosos.

O primeiro deles foi o surgimento do amor romântico que propiciou aos homens e mulheres a possibilidade de escolha de seus futuros parceiros conjugais.

O segundo momento diz respeito a revolução sexual, que transformou os relacionamentos amorosos, na medida em que as relações sexuais prazerosas passaram a ser importantes para a manutenção dos relacionamentos.

Por fim, o terceiro momento trata do surgimento da Internet. Esta inaugurou um novo espaço no qual novos tipos de relacionamentos emergiram e que, mais recentemente, se tornou um espaço utilizado para a procura de parceiros.

Uma vez apresentado ao leitor os três momentos a serem abordados, julgo ser importante deixar claro que esses não foram os únicos, nem sequer os mais importantes no que diz respeito às modificações dos relacionamentos amorosos ao longo da história da humanidade no mundo Ocidental. Esse trabalho, no entanto, enfoca as formas de procura de parceiros amorosos. Essas começaram a existir somente a partir do surgimento do amor romântico, que possibilitou, na maior parte das culturas ocidentais, a oportunidade de escolha do parceiro conjugal. Essa possibilidade só surge aproximadamente em meados do século XVIII; logo, a partir desse momento nossa discussão se inicia.

2.1

O surgimento do amor romântico e a conseqüente substituição dos casamentos por interesse para os casamentos por amor

A conexão entre amor e casamento é bastante recente, pois, mesmo na Europa, onde surgiu primeiro, aproximadamente no século XVIII, o amor e o casamento não eram vistos como sendo feitos um para o outro.

Giddens (1993) afirma que no período da Europa pré-moderna a maior parte dos matrimônios eram contraídos baseados apenas na situação econômica dos futuros cônjuges. Dessa forma, a escolha do parceiro conjugal era uma decisão a ser tomada pelas famílias dos futuros cônjuges e não levava em consideração as questões de ordem afetiva, como o amor e a atração física. O amor era, por conseguinte, um objetivo a ser alcançado depois da concretização do casamento e não o pressuposto de uma união conjugal.

É importante ressaltar que, apesar de o casamento ser baseado nos ditames econômicos, isso não quer dizer que alguns casamentos não tenham se efetivado por inclinação amorosa. Na Inglaterra, por exemplo, encontramos algumas dessas exceções. Muitos casamentos, nesse país, aconteceram em função da afeição entre os cônjuges na nobreza e, principalmente, na burguesia. Provavelmente, tal fato se deve a influência da teologia um tanto quanto puritana vigente, na época, nesse país. (Gonçalves, 2000a).

Considerando algumas exceções, na maior parte das vezes, de fato, os casamentos eram baseados nos interesses familiares de base socioeconômica. Isso não quer dizer que não existissem relacionamentos entre homens e mulheres baseados no amor e na atração física. Muitos desses relacionamentos, normalmente, ocorriam em uniões ilegítimas, ou seja, extraconjugais.

A possibilidade da escolha do parceiro conjugal, entretanto, deve ser analisada, ainda, em função da classe social dos futuros cônjuges. Isso porque as classes menos abastadas não procediam da mesma forma que as classes mais favorecidas. Segundo Shorter (1995) nas classes menos abastadas, nas quais não existiam patrimônios e riquezas a serem intercambiadas, os casamentos se consolidavam por razões de ordem afetivas.

Foi aproximadamente nos séculos XVIII e XIX, que assistimos à gradativa substituição dos casamentos por interesse para os casamentos por amor em todas

as classes sociais. Tal fato se deve, principalmente, ao surgimento do amor romântico.

Giddens (1993) em seu livro *“A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”* fala-nos sobre o amor romântico, embora não o defina claramente. Seguem algumas das principais características destacadas por Giddens.

De acordo com o autor, a primeira característica é que o amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional e duradouro com o outro. Esse vínculo deve estar baseado exclusivamente nas próprias qualidades dessa ligação.

A outra característica apontada é que o amor romântico estimula a idealização do parceiro. Presume-se, ainda, uma ligação e comunicação psíquica, um encontro entre almas que têm um caráter reparador. Esse caráter reparador explica-se da seguinte forma: o indivíduo sente um vazio que só é preenchido pelo parceiro na relação amorosa. Em outras palavras, é pela relação amorosa que o parceiro se percebe inteiro.

Ora, uma vez que o amor romântico exige que o vínculo emocional seja duradouro e baseado nas características desse elo, os parceiros envolvidos devem o tempo inteiro se questionar sobre seus sentimentos e sobre a relação. Exemplos desses questionamentos que os sujeitos devem se colocar são mencionados por Giddens: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que os nossos sentimentos são profundos o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (p. 56).

Por meio dessas características do amor romântico percebe-se que a ligação entre um homem e uma mulher deve ser, principalmente, consequência de seus sentimentos amorosos, da idealização entre eles e da qualidade do vínculo que estabelecem. Conseqüentemente, os matrimônios não podiam ocorrer por outros fatores que não fossem o amor sentido entre os futuros cônjuges. Assim, os ideais do amor romântico foram sendo difundidos na sociedade e assistimos ao declínio dos casamentos por interesse. Como os casamentos passam a ser por amor, homens e mulheres passam a ter a possibilidade de escolher seus futuros parceiros conjugais.

Não se pode pensar, contudo, que essa modificação no casamento ocorreu rapidamente e no mundo todo. Jablonski relata que Borscheid (1986) fez uma

análise comparativa dos noivados do século XIX na Alemanha e uma das conclusões alcançadas foi a de que mesmo depois da presença dos ideais românticos, o que realmente predominava para a escolha do futuro cônjuge era a estabilidade e solidez financeira do parceiro.

Ademais, ainda nos dias de hoje, em diversas culturas não-ocidentais ou fora dos grandes centros urbanos, os casamentos são efetivados por outras razões, tais como: segurança financeira, alianças familiares, desejo de ter filhos e fuga da solidão.

No Brasil, o casamento por amor aconteceu mais tardiamente em relação à Europa, mais especificamente no século XIX. Foi, portanto, nesse século, que assistimos à gradativa substituição dos casamentos por interesse pelos casamentos por amor. Observe-se como isso ocorreu no contexto do nosso país de forma mais detalhada.

De acordo com Freire (1979), durante todo o período do Brasil colônia, homens e mulheres não podiam escolher seus futuros cônjuges, pois os casamentos aconteciam principalmente, por razões econômicas ignorando as questões afetivas. Eram os pais, tutores ou responsáveis que decidiam com quem seus filhos ou tutelados iriam se casar. Dessa forma, o casamento era uma decisão tomada unilateralmente pelos responsáveis, que não levavam em consideração a opinião e/ou o desejo daqueles que futuramente formariam um casal.

Os responsáveis pela escolha dos futuros cônjuges se baseavam apenas nos benefícios econômicos que o matrimônio traria para o grupo familiar. Sendo assim, o casamento era uma forma de intercambiar e de manter os patrimônios e as riquezas das famílias envolvidas.

Freire afirma que o contrato conjugal era apenas uma das formas de troca de riquezas, pois existiam algumas práticas sociais ligadas a ele, como, por exemplo, o dote. Por ele, a mulher transferia parte dos bens de sua família ao marido. Essa prática social se tornou um requisito tão necessário para a consolidação do casamento que sem dote uma mulher estaria predestinada ao celibato. A vinculação entre o casamento e o dote chegou a tal ponto que, em diversos documentos do Brasil colônia, ambos eram usados como sinônimos.

Existiam, ainda, outros fatores determinantes do casamento: os interesses sociais e o preconceito racial. Esses se manifestavam claramente nos casamentos entre um grupo pequeno de famílias e/ou nos casamentos consangüíneos, que

eram muito comuns no Brasil nesse período e descritos freqüentemente na literatura.

Segundo Almeida Prado (in Freire, 1979), um grupo pequeno de famílias, tidas como “puritanas”, tinha o hábito de realizar casamentos entre elas. Isso porque elas diziam não ter sangue plebeu, mouro ou judeu nas veias e desejavam manter-se “puras”. Freyre (2003) relata que os casamentos de primos e primas e tios com sobrinhos se sucederam por inúmeras gerações e, assim sendo, as uniões conjugais se faziam dentro de uma esfera bastante limitada, com o objetivo de não introduzirem na família um sangue que revelasse a condição de ex-escravo.

É interessante também notar que a prática dos casamentos consangüíneos resultava freqüentemente na união entre pessoas cuja disparidade etária era enorme (por exemplo, uma sobrinha de 18 anos casava-se com seu tio de 53 anos). Tal disparidade contribuía para a desvalorização dos componentes afetivos e sentimentais do matrimônio.

Pode-se, então, afirmar que, naquela época, o cônjuge ideal era aquele que portava riquezas e um “sangue puro”. Conseqüentemente,

“o casamento não celebrava (...) o reconhecimento social da união amorosa entre os indivíduos. O amor não era um pressuposto necessário a ligação conjugal. Como, aliás, a atração física, cuja ausência ou presença em nada alterava a composição da aliança.” (Freire, 1979, p. 216)

Os ideais de amor romântico chegaram ao Brasil em torno do século XIX, e logo se percebeu o declínio dos casamentos por interesses socioeconômicos e o início dos casamentos por amor.

Segundo Rocha-Coutinho (1994), além do amor romântico, outro fator foi importante para a corrosão do casamento por interesses financeiros: a preocupação do Estado com a defesa do próprio Estado e a defesa da raça, por meio da proteção das crianças. O cuidado com a prole passava a ser o grande paradigma da união matrimonial. A saúde das crianças dependia da saúde de seus pais, conseqüentemente, a hereditariedade passava a ser muito mais importante do que a herança e a manutenção dos patrimônios das famílias envolvidas. Em outras

palavras, o compromisso da constituição do casal era com os filhos, e não mais com os benefícios econômicos trazidos para as famílias de origem do casal.¹

A substituição dos casamentos por interesse pelos casamentos por amor no Brasil foi gradativa, assim como na Europa. De acordo com Rocha-Coutinho (1994), mesmo durante o século XIX, ainda era muito comum o casamento entre parentes, objetivando a manutenção do matrimônio e da pureza de “casta”. Dessa forma, o casamento por amor não anulou por completo as suas razões econômicas e sociais.

Vale ainda dizer que mesmo as famílias que não escolhiam os futuros cônjuges de seus filhos, opinavam sobre as escolhas amorosas deles e detinham, na maior parte das vezes, a palavra final para a consolidação do casamento.

O surgimento do amor romântico não modificou apenas as bases dos casamentos. O antropólogo Thales de Azevedo (1981, 1986), em seu livro intitulado *“As regras do namoro à antiga”*, mostra claramente que o amor romântico foi responsável pelo surgimento do *“namoro à antiga”* no Brasil.

Azevedo estudou tal fenômeno, suas regras e normas na elite e nas camadas médias brasileiras do início do século XX. Esse estudo é baseado, principalmente, na análise do cotidiano segundo a tradição antropológica. Vejamos este trabalho com mais detalhes.

2.1. 2.

As formas de procurar parceiros no Brasil no início do século XX

Azevedo (1981, 1986) argumenta que, no século XIX e, principalmente no século XX, as exigências do amor romântico fizeram com que os casamentos por interesse fossem sendo substituídos pelos casamentos por amor. Assim, homens e mulheres ganharam o direito de escolher seus futuros cônjuges e, por conseguinte, precisavam de um momento para conhecer e eleger o futuro cônjuge. Esse momento é chamado por Azevedo de *“namoro à antiga”*.

No *“namoro à antiga”*, a simpatia, a atração física e a correspondência afetiva passaram a ser critérios importantes na escolha do futuro cônjuge. O antropólogo afirma, no entanto, que mesmo o namoro por amor dependia de fatores culturais tais como os costumes, as tradições, os círculos de convívio, as

¹ Para maiores detalhes da influência do Estado na substituição dos casamentos por interesse para os casamentos por amor, ver Freire (1979).

relações sociais, os laços familiares e as posições de classe de cada um dos pretendentes. A aprovação dos familiares dos enamorados era talvez o fator mais importante para que o namoro pudesse se concretizar. Caso as famílias não aprovassem o relacionamento de seus filhos, este fatalmente estava destinado ao fracasso.

O “namoro à antiga” tinha normalmente três fases: (1) o momento do flerte, no qual havia a troca dos primeiros sinais de interesse recíproco e da exploração das possibilidades de aproximação; (2) o momento do namoro no sentido exato e (c) um terceiro momento que compreendia o período do compromisso preliminar até o noivado formal. Depois de passar por todas essas fases, havia, ainda, o momento do noivado, que durava o tempo que fosse necessário para arrumar todos os preparativos do casamento.

O namoro estava, portanto, sempre ligado ao processo de casamento. Isso porque “o namoro não tinha um fim em si mesmo e não era considerado como um passatempo ou gozo de satisfações imediatas da afetividade” (Chaves, 2001, p. 24). Naquela época, namorar pelo simples fato de namorar não era bem visto, principalmente no caso das mulheres. Caso estas fizessem isso, ficavam mal vistas pela sociedade.

O flerte – primeira fase do namoro à antiga – será, no presente trabalho, mais explorado do que as outras fases, pois é nele que os homens e mulheres procuravam possíveis parceiros. No momento do flerte, os futuros pretendentes recorriam a diversos comportamentos e artifícios para chamarem a atenção uns dos outros, tais como, o cuidado com “as expressões faciais e corpóreas, o penteado, o ritmo, e o estilo da marcha, da postura, do sentar-se assim como os elementos artificiais acrescentados – a pintura facial, o vestuário, os perfumes” (Azevedo, 1981, p. 225).

Além dos comportamentos e artifícios acima mencionados, era necessário que os homens e mulheres freqüentassem locais públicos propícios para o flerte.

Um dos locais mais freqüentados pelas moças e rapazes eram as ruas e praças importantes. O footing era o passeio nesses locais e, por isso, “um primeiro comércio de olhares aparentemente casuais, de sorrisos e gestos significativos” (Azevedo, 1981, p. 227). No footing, as moças se ofereciam para o flerte, e podiam, de algum modo, também elas, escolher seus pares ou, ao menos, selecioná-los entre os que procuravam atraí-las. Normalmente, as moças andavam

em uma direção enquanto os rapazes andavam na direção oposta, o que possibilitava uma renovação constante dos encontros dos olhares. Esses, quando mais provocativos, geralmente, vinham dos homens e podiam ser seguidos de palavras amáveis ou de frase jocosas.

Além dos espaços das praças e das ruas onde ocorria o *footing*, Azevedo menciona que o teatro, as *matinês*, as sorveterias e os cafés também eram locais propícios ao flerte.

As igrejas eram locais onde as moças podiam freqüentar sozinhas, e, por isso, muitas vezes, nelas se encontravam com seus pretendentes ou namorados. Por esse motivo, é “nesse contexto que os santos, o próprio Deus e a Virgem Maria, cuja imitação fundamenta a virtude e a pureza e da virgindade feminina no Brasil desempenham passiva e simbolicamente o papel de alcoviteiro” (Azevedo, p. 232, 1981).

Além de todos esses espaços freqüentados pelos rapazes e moças da época, era muito comum que alguns rapazes passeassem insistentemente na frente das casas das moças, para que elas pudessem vê-los. Caso as moças percebessem os interesses dos rapazes e, de alguma forma, os incentivassem, estes poderiam lhes enviar bilhetes através de mensageiros como, por exemplo, as empregadas.

Para guiá-los, os pretendentes contavam com a ajuda de diversos manuais de namoro, nos quais eram abordadas aquelas que eram consideradas as boas e as más condutas do flerte e do namoro.

Esses manuais, além de informar quais eram as condutas corretas para o flerte, continham, também, inúmeros códigos que eram utilizados pelos rapazes e moças da época para que eles pudessem se comunicar à distância. Era necessário, portanto, que os futuros pretendentes conhecessem os códigos e seus significados.

Exemplos de alguns desses códigos são descritos por Azevedo. O rapaz, que já havia conseguido chamar a atenção de alguma moça, comunicava-se com ela à distância por meio de sinais: “flores à lapela do paletó, lenço disposto de maneira convencionada no bolso peitoral, movimentos com a bengala” (Azevedo, 1981, p.227). Enquanto a moça respondia “com flores e cores diferentes no vestido, com determinados modos de exhibir o leque e o lenço” (Azevedo, 1981, p.227). Azevedo não menciona o significado de tais códigos, entretanto, é sabido que cada cor de vestido, por exemplo, queria indicar o que a moça estava

sentindo.² Além desses códigos, homens e mulheres utilizavam também o alfabeto dos surdos-mudos.

Azevedo afirma que esse início de namoro por vezes necessitava de uma alcoviteira – chamada também de “cocada”, na Bahia, de “doce-de-pêra” no Rio Grande do Sul, e de “pau-de-cabeleira” em diversos locais do Brasil. Esta tinha a função de facilitar a comunicação entre os pretendentes, interpretar os sentimentos e objetivos de ambos, acobertar os encontros, etc. Atuava, em suma, como uma mediadora da relação que ainda não tinha começado de fato.

Resumidamente, percebe-se que o flerte e a procura por um parceiro eram etapas do “namoro à antiga” e estavam sempre referidos ao processo do casamento. Além disso, ambos necessitavam de alguns códigos, vindos em sua maioria dos manuais de namoro e, normalmente, ocorriam em espaços específicos, mencionados anteriormente.

Entretanto, o que Azevedo chamava de “namoro à antiga” se modificou bastante ao longo do século XX, o que não quer dizer que algumas de suas características não sejam encontradas na atualidade. O footing, por exemplo, tão comum no início do século é ainda uma prática bastante comum em cidades pequenas e interioranas do Brasil.

Vimos até aqui que o surgimento do amor romântico possibilitou aos homens e mulheres a escolha do futuro parceiro conjugal. Dada essa possibilidade de escolha, eles tiveram que procurar formas de conhecer pessoas, flertar e dentre elas escolher um possível parceiro. Passemos agora para um segundo momento de profundas alterações nos relacionamentos amorosos: a revolução sexual.

2.2

A Revolução Sexual e a conseqüente importância do sexo prazeroso nas relações amorosas

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por grandes modificações sociais, políticas, econômicas ao redor do mundo. No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, essas décadas foram marcadas pela revolução sexual,

² É interessante ressaltar que até hoje a cor do vestuário é utilizada como código entre homens e mulheres em locais de paquera. Existe, por exemplo, a “festa do sinal”, na qual homens e mulheres se vestem de verde ou de amarelo ou de vermelho. O vestuário verde quer dizer “siga em frente”, ou seja, aquele que porta a roupa verde está disponível para um possível relacionamento. Já a cor amarela, significa “siga com cuidado” e o vermelho “pare, não se aproxime”.

que gerou grandes e importantes modificações nas relações amorosas entre homens e mulheres. Jablonski (1998) afirma que os cientistas sociais discutem fervorosamente quais foram as causas dessa revolução, mas estão longe de chegar a um consenso sobre elas.

Entre as causas mais citadas na literatura estão: a diminuição da religiosidade, o surgimento de anticoncepcionais eficazes e o movimento da emancipação feminina. Antes de iniciar a breve discussão de cada uma delas, acho importante ressaltar que na literatura pesquisada não foram encontradas diferenças entre os contextos brasileiro, europeu e norte-americano no que diz respeito aos aspectos que serão discutidos nas seções que se seguem.

2.2.1

Diminuição da religiosidade

A religião, mais notadamente o Cristianismo no Ocidente, sempre influenciou os relacionamentos amorosos (matrimoniais ou não). A influência era tanta que o amor conjugal não era bem aceito. Pelo contrário, este era visto com um possível causador da diminuição do amor e da devoção que deveria ser destinada a Deus. Um trecho escrito por Padre Antonio Vieira demonstra claramente tal fato: “Sois casado? Pois empregai todo o vosso cuidado em Deus, como se o não fôreis.” (In Freire, 1979, p. 218)

Não era somente o amor conjugal que era mal visto pelo Cristianismo. Desde os primórdios deste, o sexo era tido como algo impuro e imoral. Pregava-se que as relações sexuais deveriam acontecer somente dentro do casamento e, mesmo nele, tinham um cunho de imoralidade. As relações sexuais deveriam apenas acontecer com uma única finalidade: a concepção.

Uma vez que o sexo só era permitido com o objetivo de concepção, a busca do prazer sexual era impensável. Muito provavelmente, o prazer sexual era também tido com um desvio da devoção a Deus assim como o amor conjugal.

Nas décadas de 1960 e 1970, entretanto, o sexo e o prazer sexual começaram a deixar de ser vistos como intrinsecamente pecaminosos “à medida que na sociedade urbana e consumista a religião perdeu influência e deixou de ter

o peso que tinha na determinação dos valores e comportamentos do indivíduo.” (Chaves, 2001, p. 26).

A partir da década de 1970 e, principalmente na década de 1980, tornou-se muito comum que as mulheres (tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos) lutassem por direitos abominados pelas doutrinas da Igreja, tais como a liberação do divórcio e uma flexibilização das leis do aborto (Hobsbawn, 2003).

A luta das mulheres contra algumas das doutrinas da Igreja é apenas um exemplo da diminuição da religiosidade. Outros podem ser postos em destaque: o aumento do sexo pré-matrimonial, a vida sexual mais livre e uma maior exigência quanto ao que seria uma relação sexual prazerosa (Jablonski, 1998).

2.2.3

O surgimento da pílula anticoncepcional

De acordo com Hobsbawn (2003), o período pós-guerras foi marcado por grandes inovações no setor químico e farmacêutico, os quais começaram a transformar o mundo. Surgiram, nesse período, os antibióticos e a pílula anticoncepcional, que, segundo ele, tornaram possível a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970 no Ocidente. O primeiro eliminou os riscos da promiscuidade, uma vez que tornou as doenças venéreas facilmente curáveis.³ Já o surgimento e disponibilidade da pílula anticoncepcional ocasionaram, pela primeira vez na história da humanidade, uma dissociação entre sexo e gravidez.

Até então, as relações sexuais estavam ligadas à concepção, pois os métodos contraceptivos utilizados, como o coito interrompido e a tabelinha, não eram suficientemente seguros. Conseqüentemente, as mulheres engravidavam com facilidade e, muitas vezes, acabavam por gerar filhos indesejados.

O surgimento da pílula marcou especialmente as mulheres, pois elas tiveram a possibilidade de realizar suas tentativas milenares de separar sexualidade de procriação. As relações sexuais passaram a ser vividas sem o temor da gravidez indesejada (Rocha-Coutinho, 1994).

³ Vale ressaltar que atualmente os riscos da promiscuidade não são mais amenizados pelo uso dos antibióticos. Isso porque novas doenças sexualmente transmissíveis surgiram, notadamente, a AIDS, cuja cura ainda não foi descoberta.

2.2.4

Os movimentos feministas

Os movimentos feministas começaram principalmente nos Estados Unidos e na Europa e foram se espalhando pelo resto do mundo. Eles ganharam mais força com o surgimento da pílula anticoncepcional. Com a dissociação do sexo da gravidez, as mulheres passaram a questionar seus papéis e lugares na sociedade. Assim, “a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, amor e compromisso” (Duarte, 2003, p. 165).

Durante toda a década de 1950 e no início da década de 1960, a sociedade havia reforçado a idéia de que as mulheres deveriam casar cedo e ter filhos rapidamente. Seus principais papéis sociais eram, portanto, de esposa, mãe e dona de casa, ou seja, os papéis femininos estavam todos atrelados ao casamento. O casamento era, assim, o trabalho possível para a mulher.

As raras mulheres que trabalhavam fora da esfera do lar normalmente faziam parte de classes menos abastadas. Mesmo assim os empregos disponíveis a elas eram normalmente os serviços domésticos, a enfermagem e a educação de crianças.

Assim, não havia espaço para o próprio lazer da mulher, de sua satisfação pessoal, mas apenas para tudo aquilo que estava voltado para atender às necessidades do lar e de seus filhos e dos esposos.

Com a eclosão dos movimentos feministas, as mulheres passaram a lutar por uma igualdade maior entre os sexos e a questionar a limitação de seus papéis de esposa, dona de casa, educadora e mãe. Desejavam exercer outras funções que não fossem as desenvolvidas dentro da esfera privada, em suas casas, e se dirigiram para o mercado de trabalho.⁴ Nesse período houve, também, um aumento considerável da porcentagem de mulheres ingressando nas universidades, o que demonstra que as mulheres começavam a se preparar melhor para a entrada no mercado de trabalho e em áreas que, até então, eram exclusivas dos homens.

⁴ É importante ressaltar que, para alguns autores a saída da mulher de casa foi por motivos econômicos. É o caso de Harris que afirma que “a liberação da mulher não criou a mulher trabalhadora, e sim a mulher trabalhadora criou a libertação da mulher. Harris 1984 (apud Jablonski, 1998).

Apesar de as mulheres terem conseguido aos poucos ingressar no mercado de trabalho, na maior parte das vezes, seus salários eram muito inferiores aos salários dos homens. Além disso, a entrada da mulher no mercado de trabalho não garantiu o abandono de suas velhas responsabilidades domésticas. Sendo assim, as mulheres acabaram acumulando seus velhos e novos papéis, configurando o que é conhecido como dupla jornada de trabalho feminina.

O movimento feminista também questionava a sexualidade da mulher. Quando fez uso de anticoncepcionais, a mulher ganhou controle do seu corpo, da sua sexualidade, da possibilidade de ser (ou não) mãe. Passou a viver as relações sexuais de uma nova forma, menos “suja” e mais livre. Essas, muitas vezes, passaram a experimentar o sexo pré-matrimonial e começaram a valorizar o sexo pelo sexo. Com tudo isso, começaram a desejar e a buscar seu prazer sexual.

Resumidamente, Rocha-Coutinho (1994) discorre que:

“em um sentido mais amplo, estes movimentos [feministas] questionavam a própria identidade feminina, há tantos anos imposta às mulheres, e buscavam respostas para um ponto fundamental: ‘quem somos, afinal, nós mulheres?’” (p. 113).

Durante esse período, as mulheres começaram a exigir também seus direitos de cidadãs. Começaram a se engajar em questões políticas e sociais, o que era, até então, privilégio dos homens. No Brasil, isso se colocou de forma ainda mais marcante, pois a conjuntura histórica impôs que elas se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida.

De fato as mulheres a partir dos movimentos feministas conseguiram muitas modificações em suas vidas: uma vida sexual mais livre e prazerosa, o ingresso no mercado de trabalho, etc. Não se pode pensar, contudo, que as desigualdades entre homens e mulheres tenham sido extinguidas por completo. Ainda, hoje, se encontra muito preconceito, nas sociedades ocidentais, com as mulheres que optam por não casar, não ter filhos, dando a vida profissional uma maior importância. O próprio salário, oriundo dos trabalhos das mulheres casadas, são melhores aceitos quando ele complementa a renda familiar.

Essas possíveis causas da revolução sexual estão intimamente interligadas entre si. Escolher uma ou duas das causas acima citadas seria ignorar essa interligação. Por exemplo, o movimento de emancipação feminina é citado como

uma das causas do surgimento da pílula. Entretanto, o uso desta só foi possível porque as mulheres passaram a se preocupar menos com as doutrinas religiosas que impediam que o sexo fosse realizado para fins que não fossem a procriação.

Além disso, independentemente da diminuição da religiosidade, do movimento feminista e do surgimento da pílula anticoncepcional terem sido (ou não) as “verdadeiras” causas da revolução em questão, o fato é que todas elas juntamente foram transformando os relacionamentos amorosos. Serão discutidos, em seguida, algumas das principais modificações nesses relacionamentos.

2.2.5

Algumas consequências da revolução sexual para os relacionamentos amorosos

O sexo passou a ser visto com menos pecaminoso e a gravidez tornou-se mais facilmente controlada, assim houve um aumento do sexo pré-matrimonial. Vale lembrar que, até a revolução sexual, as relações sexuais eram muito mais comuns após o casamento, principalmente, para as mulheres.

Além disso, o sexo pré-matrimonial não necessariamente ocorria com pessoas que estavam planejando ou desejavam se casar. Homens e, principalmente, mulheres passaram a experimentar o sexo pelo sexo, ou seja, pode-se dizer que o sexo poderia acontecer entre duas pessoas que não tinham um relacionamento amoroso estável e estavam buscando apenas momentos de prazer.

As mulheres viviam um momento de questionamento de sua própria sexualidade e passaram a desejar e a exigir relações sexuais que lhes satisfizessem. Assim, os homens com os quais elas se relacionavam tiveram que começar a se preocupar com o prazer feminino. Estávamos diante, então, do início de uma profunda modificação da concepção das relações sexuais que deveriam ser prazerosas tanto para os homens como para as mulheres.

Nas décadas de 60 e 70, assistimos, também, no Brasil, a diversas separações conjugais que acabaram culminando com a lei que estabeleceu o divórcio. Segundo Nicolaci-Da-Costa (1987), o número crescente de separações matrimoniais se deve: a crescente profissionalização da mulher, o surgimento da pílula anticoncepcional, a luta pela igualdade de direitos. Além disso, nesse período, houve o início de um processo chamado de “psicologização” das camadas médias dos grandes centros urbanos brasileiros, o que facilitou, no caso

das mulheres, o registro de seu desejo individual. Esse desejo estava sendo manifestado nas mais diversas áreas da vida da mulher (pessoal, sexual e profissional). Elas passaram então a ir em busca de seus desejos e, muitas vezes, separaram-se de seus parceiros.

Essa breve descrição de alguns aspectos da revolução sexual e suas consequências pode levar o leitor a se perguntar qual a relação entre a revolução sexual e a escolha de um parceiro amoroso. Ora, se o sexo passou a ser muito importante para o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos amorosos, pode-se dizer que a atração e o contato físico, juntamente com as relações sexuais prazerosas, passaram a ser importantes para a escolha de um futuro parceiro. Logo, nesse período, o parceiro ideal deveria também proporcionar relações sexuais prazerosas.

Uma vez expostos alguns dos aspectos da revolução sexual, suas consequências para os relacionamentos amorosos e para a escolha dos futuros parceiros, dedico, agora, um espaço para conhecermos um pouco de como homens e mulheres das décadas de 1960 e 1970 faziam suas buscas por parceiros amorosos no contexto brasileiro.

2.2.6

Formas de procura de parceiros nas décadas de 1960/70 no Brasil

Antes de tudo, é importante dizer que não se encontrou um trabalho tão minucioso sobre o tema nas décadas de 1960 e 1970. Por meio do trabalho de Azevedo (1981, 1986) sabe-se que homens e mulheres freqüentavam diversos espaços públicos para conhecer e paquerar pessoas para entre elas escolher um futuro parceiro conjugal no início do século XX. A prática de freqüentar locais públicos para procurar parceiros ainda era encontrada no período da revolução sexual.

Cardoso e Novais (2000) afirmam que essa busca se fazia, principalmente, no círculo das relações familiares, dos parentes e dos amigos dos parentes. Outros círculos sociais importantes eram as turmas dos prédios, das ruas, do bairro e da escola.

Os locais muito freqüentados pelos jovens da época eram as festas e bailes de formatura. Os colégios, universidades, ambientes profissionais, partidos de

esquerda também passavam a ser locais propícios para a busca de parceiros. Isso porque, nesse período, os colégios mistos começam a existir em maior número e as universidades e os ambientes profissionais passaram a incorporar mulheres mais freqüentemente. Em outras palavras, esses ambientes passaram a ser possíveis locais onde a procura por parceiros poderia se efetivar, pois concentravam homens e mulheres.

Em documentários e minisséries que retratam o período da revolução sexual, encontramos outros locais freqüentados pelos jovens, nos quais eles se encontravam para flertar. São eles: a praia, as famosas discotecas da década de 70 e os grandes festivais de MPB.

A minissérie exibida pela Rede Globo de Televisão, intitulada *Anos Rebeldes*, exibida em 1992, mostrava claramente que, nesse período, era muito comum que os jovens das camadas médias e altas se reunissem em suas casas para fazerem rodas de violão, nas quais cantavam MPB. Essas rodas de violão eram uma oportunidade para novas pessoas flertarem, se conhecerem um pouco mais, e até para namorarem.

Mas afinal qual eram as formas de abordagem nesse período? Os antigos manuais de namoro e de paquera, tão comuns no início do século XIX, caíram em desuso. Assim, homens e mulheres não utilizavam mais os antigos códigos de comunicação à distância oriundos desses manuais.

A abordagem ainda partia dos homens na maior parte das vezes, entretanto, as mulheres já tomavam mais iniciativa para iniciar os primeiros olhares e as primeiras conversas. O contato físico e as relações sexuais entre eles aconteciam muitas vezes nos primeiros encontros, antes mesmo do início de um relacionamento amoroso mais estável, tal como o namoro ou casamento. Isso porque, vale lembrar, era um período em que o sexo pelo sexo era muito comum.

Resumidamente, vimos que, nas décadas de 1960 e 1970, o surgimento da pílula anticoncepcional, os movimentos feministas e a diminuição da religiosidade contribuíram para a eclosão da revolução sexual. Esta fez com que o contato físico e o sexo prazeroso se tornassem fatores importantes para a escolha do futuro parceiro amoroso. Homens e mulheres durante esse período continuavam a freqüentar locais propícios para o flerte, tais como as praias, as discotecas. O interessante é que muitos locais que eram freqüentados principalmente por homens – como por exemplo, as universidades e os partidos de esquerda –

passaram a agregar mulheres, e por isso, se tornaram espaços nos quais o flerte era possível e a busca por parceiros amorosos. Passemos, agora, para o último e terceiro momento a ser discutido – o surgimento da Internet.

2.3

O surgimento da Internet, os novos relacionamentos e novas possibilidades para a procura de parceiros amorosos

No final do século XX, os computadores foram ligados em Rede, originando a Internet⁵. Esta inaugurou um novo mundo ou um novo espaço chamado, por muitos autores, de ciberespaço⁶.

Segundo Nicolaci-da-Costa (1998), o termo ciberespaço foi popularizado por William Gibson para designar a realidade imaginária compartilhada das redes de computadores. Lévy (2000), entretanto, define ciberespaço de uma forma mais abrangente. Para ele o ciberespaço é não somente “a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (p. 17).

Nesse novo espaço, homens, mulheres e crianças puderam experimentar novas formas de obter informações, de conhecer pessoas, de se comunicar e, também, novas formas de se relacionar uns com os outros.

No presente trabalho, concentra-se a discussão de algumas consequências do surgimento da Internet nos relacionamentos amorosos. São elas: o surgimento dos relacionamentos virtuais e a utilização da Internet como um novo espaço para a procura de parceiros amorosos.

2.3.1

Os relacionamentos virtuais e suas características

A Internet foi responsável pelo surgimento de um novo tipo de relacionamento entre os homens: os relacionamentos virtuais. Resumidamente, pode-se dizer que eles são relacionamentos que ocorrem no ciberespaço.

Os relacionamentos virtuais têm características bastante singulares, que diferem bastante dos velhos e conhecidos relacionamentos “reais”. Julga-se, por

⁵ Para maiores detalhes sobre a história do surgimento da Internet ver Nicolaci-Da-Costa e Leitão (2000)

⁶ Para outras definições de ciberespaço ver Nicolaci-Da-Costa (1998), Gonçalves (2000a).

isso, ser necessário dedicar um espaço para uma breve discussão das características dos relacionamentos virtuais.

A primeira dessas características é que eles ocorrem no ciberespaço e são relacionamentos mediados pelo computador. Normalmente, eles se dão nos diversos programas e canais de bate-papo existentes na Rede, mais comumente conhecidos como *chats*. Neles, a comunicação pode se dar por meio da linguagem escrita, da voz, do vídeo e, ainda, de uma combinação entre eles.⁷

Há, também, dois formatos de comunicação *online*: o síncronico e o assíncronico. No primeiro, os usuários devem estar conectados à rede ao mesmo tempo e se comunicam em tempo real, tal como acontece em uma conversa telefônica. Exemplos de programas nos quais existe a comunicação síncrona são o mIRC, o MSN Messenger, o ICQ. Em contrapartida, a comunicação assíncrona é aquela que não acontece em tempo real. Os *e-mails* são um exemplo da comunicação assíncrona.

Apesar das diversas formas de comunicação disponibilizadas pela Internet para os usuários, certamente, os programas mais utilizados são aqueles que utilizam a linguagem escrita. Logo, a comunicação escrita ainda é preponderante. É por essa razão que Semerene (1998) expõe que os relacionamentos virtuais geraram uma revalorização da escrita, pois

“na Internet em geral e principalmente nos *chats*, o que vale é a escrita e a leitura. Como as pessoas não estão se vendo, a única manifestação possível é o texto. Assim, quanto mais adequada a capacidade de expressão escrita do indivíduo, provavelmente mais facilmente este conquistaria novas amizades e estabeleceria novos contatos afetivos.” (1998, p.32)

Atente-se para o fato de que os relacionamentos mediados pela linguagem escrita já existiam antes do advento da Internet. As cartas, os telegramas sempre foram muito utilizados como mediadores de relacionamentos amorosos.

De acordo com Ben-Ze'ev (2004), apaixonar-se por intermédio da escrita não é um fenômeno novo, sendo comum há centenas de anos. A escrita de cartas de amor sempre foi muito comum em períodos nos quais os membros de um casal estavam separados geograficamente. A diferença entre as cartas e as trocas de mensagens em tempo real é, basicamente, a velocidade entre o envio e o

⁷ Um exemplo de programa que combina a comunicação pelo voz, pelo texto e pela imagem é o MSN Messenger, mais conhecido como MSN.

recebimento. Enquanto as primeiras necessitam de alguns dias para chegar ao seu destino; as segundas chegam quase instantaneamente a qualquer parte do mundo.

Em outras palavras, a comunicação *online* possibilitou uma redução muito grande entre o de tempo de escrever uma mensagem, de enviá-la e de obter uma resposta. Tal redução não é apenas uma diferença técnica, ela traz uma nova possibilidade para aqueles que se relacionam virtualmente: uma troca emocional mais intensa. Para clarificar o que o autor chama de troca emocional mais intensa, relato um exemplo.

Uma internauta acaba de receber a notícia de que sua mãe deverá fazer uma operação e fica bastante abalada. Decide enviar um *e-mail* para seu namorado que se encontra em um outro país. Ele, provavelmente, terá a oportunidade de conversar com ela no mesmo estado emocional na qual ela se encontrava quando ela enviou o *e-mail*. Caso tal fato ocorresse na época em que a comunicação se dava preponderantemente via cartas, isso não seria possível, pois a carta provavelmente chegaria ao seu destino tempos depois, e a resposta chegaria ainda num espaço muito maior de tempo. Nesse intervalo de tempo, certamente muitas outras coisas teriam acontecido e, provavelmente, a usuária já estaria em um outro estado emocional. O telefone também proporciona essa troca emocional intensa. Entretanto, para pessoas que estão em outros estados ou países tal forma de comunicação pode ser muito dispendiosa.

Por essas características Ben- Ze'ev afirma que “os relacionamentos virtuais são, de um modo geral, uma versão aperfeiçoada de uma antiga forma de comunicação: a escrita.”⁸ (p.7).

A segunda característica decorre da primeira: se os relacionamentos virtuais ocorrem no ciberespaço, logo, eles acontecem entre pessoas que estão separadas fisicamente. Assim, na maior parte das vezes,

“as pessoas se conhecem em canais de bate-papo sem saber que aparência tem, ficam amigas sem jamais terem se visto ou ouvido, namoram e amam sem jamais terem se tocado ou trocado um beijo. O que conta é o que essas pessoas escrevem, pois são relacionamentos via teclado.” (Nicolaci-Da-Costa, 1998, p. 206)

A separação física entre aqueles que se relacionam virtualmente pode equivaler a uma distância geográfica grande ou pequena. Pode se relacionar

⁸ “Online relationships are based upon an improved version of an old-fashioned way of communicating: writting”, tradução livre.

virtualmente com o vizinho de bairro ou com um morador do outro lado do mundo. A distância geográfica se tornou irrelevante na Internet, pois o importante é que seus usuários se sentem como se estivessem se relacionando no mesmo espaço: o ciberespaço. Um depoimento, retirado do *site* americano *Love Life* (www.lovelife.com), mostra isso claramente:

“Nós temos momentos tão maravilhosos quando nós teclamos, tão maravilhosos, que eu realmente sinto como se nós estivéssemos no mesmo espaço fazendo as coisas que estamos digitando.”⁹

É importante deixar claro que, muitas das vezes, os usuários além de se relacionarem com desconhecidos, tantos outros utilizam a Internet para se relacionarem com pessoas que fazem parte de seus círculos sociais do mundo “real”. Ou seja, são pessoas que já se conhecem fisicamente e utilizam a Internet para se comunicarem umas com as outras. Na pesquisa realizada por Nicolaci-Da-Costa (1998), diversos entrevistados relataram fazer uso da Internet para se comunicarem com conhecidos do mundo “real” (parentes, amigos e namorados) que estavam geograficamente distantes.

A terceira característica – o anonimato – só se aplica para os relacionamentos virtuais entre usuários que não se conhecem do mundo “real”. É sabido que, na Internet, os usuários utilizam *nicknames* (apelidos) que os identificam na Rede. Raramente, encontram-se usuários que utilizam seus próprios nomes. Sendo assim, na maior parte das vezes, os usuários estão protegidos pelo anonimato.

Segundo Ben-Ze’ev (2004), o anonimato é comumente visto com uma forma de ocultação, ou dissimulação. Entretanto, ele acredita que o anonimato facilita a auto-revelação. Em outras palavras, as pessoas falam mais livremente sobre qualquer assunto, são capazes de fazer revelações íntimas porque sabem que terão suas identidades protegidas. O anonimato possibilita uma comunicação mais livre. Gonçalves fala claramente sobre a idéia de Ben- Ze’ev afirmando que:

“A experiência de revelar segredos para um desconhecido que não sabe quem somos pode ser mais fácil de ser realizada do que a de relatar segredos e fantasias para pessoas conhecidas e com as quais convivemos fora do ciberespaço.” (p. 3, 2000b)

⁹ “We also have a very wonderful time when we chat , so wonderful that it actually feels like we are in the same room doing the things we are typing”, tradução livre.

Uma vez enumeradas as principais características dos relacionamentos virtuais, é importante ressaltar que, apesar de virtuais, esses relacionamentos são sentidos e vividos como muitos “reais” ou “verdadeiros” por seus usuários.

Aqueles que se relacionam virtualmente podem ser estranhos uns aos outros no sentido de que não se conhecem fora do mundo virtual. O desconhecimento físico e a falta do contato face-a-face, porém, não significam que os usuários não estejam muito próximos entre si, afinal eles conversam, dividem segredos, desejos e intimidades.

Diversas pesquisas mostram isso com clareza. Costa (2001) realizou uma pesquisa com usuários de IRC. Nela, pôde constatar que, na maior parte das vezes, os relacionamentos virtuais estabelecidos por esses usuários eram duradouros, solidários e intensos, tais como os relacionamentos “reais”.

Um questionamento bastante comum é: os relacionamentos virtuais podem receber o título de relacionamentos? Gonçalves responde positivamente da seguinte forma: “É evidente que são [relacionamentos], dado que ligam dois sujeitos em um processo comum. Em outras palavras, há um relacionamento porque há comunicação, porque algo é tornado comum..” (2000d, p. 21)

Segundo Gonçalves, se as relações, que ficam restritas ao mundo virtual, são consideradas como relações incompletas (por causa da falta do corpo do outro), artificiais (por dependerem de máquinas para a comunicação) e desviantes (por subverterem as finalidades da experiência amorosa, tais como a convivência, o casamento, o sexo, o encontro físico etc.), cai-se na armadilha de achar que existem formas naturais e normais das experiências amorosas. Afirma, também, que, ao acreditar nisso, os relacionamentos virtuais só serão positivos, se levados posteriormente para o mundo real.

Mas por que pessoas algumas pessoas estariam se relacionando virtualmente e mantendo essas relações no mundo virtual? O sociólogo Zygmund Bauman (2004) discute brevemente essa questão baseado em um artigo de Louise France, publicado no *Observer Magazine*. Neste France afirma que, nos dias de hoje, a nova geração já nasceu conectada à Rede, e por isso, não adquiriu todas as ferramentas de sociabilidade necessárias para a procura de um parceiro nos espaços públicos do mundo real (tais como bares, discotecas). Uma vez que essa nova geração não aprendeu seguramente como fazer amigos, paquerar e arrumar namorados no mundo “real”, a Internet torna-se o espaço para essas relações.

France afirma, ainda, que uma das grandes vantagens dos relacionamentos virtuais é que eles são muito fáceis de terminar, como diz um entrevistado de uma pesquisa realizada na Universidade de Bath: “Você sempre pode apertar a tecla para deletar. Deixar de responder a um *e-mail* é a coisa mais fácil do mundo”.

Bauman, por sua vez, não acredita que a Internet tenha sido responsável pela falta de ferramentas de sociabilidade, que justificam que a nova geração esteja se relacionando apenas virtualmente. Segundo ele, há uma tendência global nas sociedades atuais que tornarão

“os compromissos duradouros pouco numerosos, o engajamento a longo prazo poucos numerosos, o engajamento a longo prazo uma rara expectativa e a obrigação de assistência mútua incondicional uma perspectiva que nem é realista nem percebida como digna de grandes esforços.” (2004, p. 86)

Essa tendência faz com que os relacionamentos virtuais sobrevivam, uma vez que, como são relacionamentos à distância facilitam a evitação do compromisso e a obrigação de estar presente o tempo todo.

Apesar de muitos usuários utilizarem o ciberespaço como o próprio espaço no qual as relações se iniciam e se desenvolvem; tanto outros estão utilizando o mesmo espaço com uma outra finalidade: a de conhecerem pessoas novas, com as quais muito provavelmente se relacionarão no mundo “real”. Os últimos são aqueles que estão

“usando o meio informático como uma ponte para o estabelecimento de relacionamentos reais, o que qualifica uma certa forma de objetivo, sendo o que importa é sair do virtual para encontros face-a-face ou em carne e osso.” (Gonçalves, 2000c, p. 2).

Para esse grupo de usuários a Internet gerou uma inversão da sequência das etapas dos relacionamentos. Normalmente, no mundo “real” o encontro face-a-face, a troca de olhares, a atração e o contato físico são anteriores às conversas, ao estabelecimento de um certo grau de intimidade e ao conhecimento mais profundo do outro.

Com o advento da Internet, essa ordem se modificou, pois nela, primeiramente, as pessoas conversam, trocam informações sobre suas vidas, se relacionam, gostam uma das outras, por vezes, se apaixonam e se amam, para depois se conhecerem fisicamente. Vejamos o trecho de uma entrevista concedida para a pesquisa que deu origem ao livro “Na Malha da Rede: os impactos íntimos

da Internet”, de Nicolaci-da-Costa (1998) que demonstra claramente a inversão das seqüências dos relacionamentos “reais”. Nessa entrevista, uma jovem de 25 anos, conta como conheceu na Internet o homem com o qual se casaria um ano depois.

“E ele... eu conheci por maior acaso, Ele estava usando [o IRC] pela primeira vez, ele estava lá na Inglaterra e ele usava a Internet só para *e-mail*, procurar coisas, de trabalho, essas coisas e ele não conhecia o chat, (...) O nome que ele usava era de um cantor que eu adoro. E aí eu fui puxar papo com ele, falei ah, legal você gosta, eu também gosto, aí a gente começou a conversar. Aí algumas vezes ele entrava e a gente ia conversando, conversando, aí depois de, sei lá uns dois meses, a conversa já estava mais para... sei lá, quase um namoro assim, aquela coisa... Eu ficava “ah, será que ele vai aparecer hoje?”. Isso foi mais ou menos em janeiro, aí a gente mandava *e-mail*, trocava *e-mail* toda hora e aí em agosto a gente combinou de se encontrar. Ele tinha férias lá, eu estava de férias aqui, aí a gente se encontrou em Londres. Aí a gente foi se conhecer pessoalmente.” (Nicolaci-Da-Costa, 1998, p. 239).

O caso de Vera é mais comum do que muitos imaginam. Diversos internautas utilizam a Internet para conhecerem novas pessoas e acabam se envolvendo amorosamente uns com os outros. Dessa forma, a Internet passa a ser mais um local no qual é possível flertar e buscar um parceiro.

2.3.2 A Internet: um novo espaço para a procura de um parceiro

“Discotecas e bares de solteiros são uma memória distante para os corações solitários”¹⁰
(France, 2003)

Como se registrou, homens e mulheres sempre freqüentaram locais do mundo “real” propícios para o flerte, no qual podiam conhecer novas pessoas e entre elas buscar um parceiro para um relacionamento amoroso.

Depois do advento da Internet, eles perceberam que, através de canais e programas de bate-papo, também poderiam conhecer um grande número de pessoas e, eventualmente, se apaixonavam por essas pessoas. A Internet, portanto, passava a ser um novo espaço para o flerte e para a procura de parceiros amorosos.

¹⁰ “Discos and singles bars are a distant memory for today’s lonely hearts”, tradução livre.

O que dizer, então, sobre esse novo espaço de procura de parceiros? Seria possível dizer que o ciberespaço torna viáveis encontros que provavelmente não aconteceriam no mundo real, por exemplo, no caso da entrevistada Vera, mencionada acima. Muito provavelmente, Vera não teria conhecido seu marido, pois eles estavam geográfica e fisicamente distantes.

O caso de Vera e tantos outros demonstram que a Internet eliminou as distâncias físicas entre os homens, possibilitando uma maior aproximação entre as pessoas independentemente de onde elas se encontram fisicamente.

Fatos como esses, no entanto, acontecem mesmo entre pessoas que não estão geograficamente tão distantes. Por exemplo, um alto executivo e uma funkeira, moradores da zona sul do Rio de Janeiro, provavelmente, não freqüentam os mesmos locais no mundo “real”. Entretanto, não é impossível que eles se encontrem no mundo virtual, em alguma sala de bate-papo na Rede.

Pode-se, por conseguinte, dizer que ciberespaço tem um potencial segregador muito menor do que o espaço físico, pois, no último, existem fatores culturais, geográficos que são em grande parte abolidos no ciberespaço. (Gonçalves, 2000b, p. 4).

A maior dos relacionamentos virtuais que foram aqui expostos e discutidos ocorria nos *chats*. Em meados do ano de 2000 surgiam os chamados *sites* de relacionamento que possibilitaram um novo espaço dentro da Internet para que seus usuários se relacionassem. Brevemente, podemos dizer que são *sites* cujo objetivo é o de proporcionar um espaço no qual pessoas que buscam um relacionamento amoroso possam se conhecer e se comunicar. Vejamos com mais detalhes as características e o funcionamento desse novo tipo de *site*.

2.3.3

Os *sites* de relacionamento no mundo e no Brasil

Os *sites* de relacionamento são um fenômeno mundial e nacional. O jornal *New York Times* afirma que, de acordo com as estatísticas do comScore Media Metrix, mais de 26 milhões de pessoas acessaram os *sites* de relacionamento mundiais em dezembro de 2002. Quando tive acesso a essa reportagem,

realizei uma pequena pesquisa em instrumentos de busca na Internet e encontrei *sites* espalhados pelo mundo inteiro.¹¹

Atualmente, inclusive, há diversos *sites* que estão criando suas versões estrangeiras. Por exemplo, o *Match.com* originário dos Estados Unidos tem, agora, sua versão no Brasil. Até pouco tempo atrás, ao digitar do Brasil, o endereço eletrônico www.match.com, tinha-se acesso ao *site* em língua inglesa; entretanto, atualmente, com o mesmo procedimento tem-se acesso ao *Match.com* em português. O Par Perfeito que se iniciou como um *site* nacional tem atualmente uma versão alemã, inglesa e espanhola.

No Brasil, existem mais de 40 *sites* de relacionamento. Segundo uma reportagem da revista *Veja*, de 20 de novembro de 2002, os mais conhecidos e utilizados são o Par Perfeito (www.parperfeito.com.br) e o Como Vai (www.comovai.com.br).

O crescimento do número de usuários cadastrados cresce diariamente. Na reportagem acima mencionada estimava-se que existam mais de 3,5 milhões de usuários brasileiros cadastrados nos *sites* de relacionamento do Brasil. Um ano depois somente o Par Perfeito somava em torno de 3 milhões de usuários, dentre eles, 2 milhões e meio são brasileiros e o restante são estrangeiros.

2.3.4

As principais características dos *sites* de relacionamento e de seus usuários

Essa seção tem como objetivo apresentar ao leitor as principais características dos *sites* de relacionamento bem como suas formas de funcionamento. Antes de apresentá-las, vale ressaltar que a maior parte dos exemplos dados serão baseados no Par Perfeito por dois motivos: por ele ser o maior *site* de relacionamento brasileiro e, também, porque a pesquisa que será apresentada posteriormente foi realizada com usuários desse *site*.

Uma característica marcante de praticamente todos os *sites* de relacionamento, a exemplo do Par Perfeito, do Como Vai e do Almas Gêmeas, é a promessa da facilidade de encontrar um par compatível.

¹¹ Seguem aqui alguns endereços de *sites* de relacionamento estrangeiros: www.matchmaker.com, www.toguetherdating, www.datingdirect.com, www.dreambachelor.com, www.match.com.tw e www.meetic.fr

Os nomes dos *sites* são um indicativo dessa promessa. Esses, normalmente, fazem uso de expressões muito conhecidas, entre as quais, “almas gêmeas”, “par perfeito”, “*dream bachelor*” (solteiro dos sonhos). Tais expressões certamente não são utilizadas à toa, pois elas provavelmente fazem crer que os usuários encontrarão dentro do *site* “o grande amor de suas vidas”.

As propagandas espalhadas na Rede também tentam vender a idéia da possibilidade do encontro de um grande amor. Uma delas, por exemplo, encontra-se no *site* Voxcards, esta é: “Você está a um click do seu Par Perfeito”.

Ademais disponibilizam diversas histórias de sucesso de casais que se conheceram através do *site*. Vejamos duas dessas histórias publicadas no Par Perfeito¹²:

“Um dia recebi um *e-mail* que inicialmente não me chamou a atenção, até que vi seu perfil. Após responder o *e-mail* ficamos em contato constante pelo telefone e trocamos muitas fotos. Até que em fevereiro de 2001 nos conhecemos pessoalmente e já começamos a namorar. Depois de 10 meses de namoro ficamos noivos e em 20 de Dezembro de 2003 nos casamos. Portanto acredite, seu “Par Perfeito” existe e anda por aí a sua procura. Hoje sou eternamente grata a Deus e ao *site* por ter encontrado a pessoa com quem quero passar todos os dias de minha vida. Boa sorte a todos.” (Márcia - Vocalistamr e Isnei – Technicker)

“Um sábado de julho tão só e sem perspectiva de algo novo em minha vida resolvi visitar o *site* que me despertou certa curiosidade e esperança de encontrar meu verdadeiro par perfeito, meu amor, minha vida... Ao visitar resolvi então fazer o cadastro na certeza de que naquele dia encontraria meu amor. Fui em busca dele, logo que o vi, senti meu coração palpitando diferente, meus batimentos cardíacos acelerados. Não queria acreditar ser ele o homem que me faria feliz por ser um verdadeiro Deus Grego.

Não pude resistir então o chamei para o PapoDireto, não acreditava que este Deus Grego iria me achar bonita ou agradável, mas para minha felicidade este homem maravilhoso cujo nickname viniteus me atraiu... me fez sentir tão bonita e agradável... posso estar exagerando mas foi como me senti e me sinto cada vez que nos vemos, nos tocamos.

Descobrimos que nos amamos, nascemos um para o outro. Esperamos por este amor, e pretendemos ter frutos dele (Gabriel ou Luiza). Que nosso amor dure para sempre. Agradeço a Deus todos os dias por encontrá-lo no ParPerfeito” (Viniteus e Flor-branquinha).”

As histórias citadas acima são apenas dois exemplos de tantas outras publicadas nos *sites*. Na maioria delas, o conteúdo é bastante similar e pode ser resumido da seguinte forma: relatos de relacionamentos que saíram do mundo

¹² As histórias foram transcritas literalmente e integralmente do *site* Par Perfeito, por isso, o leitor encontrará erros ortográficos e gramaticais.

virtual para o mundo “real”, tendo o *site* sido o responsável por proporcionar o encontro de duas pessoas que se completam em todos os sentidos. Assim sendo, as histórias de sucesso podem ser vistas como uma declaração de amor pública, bem como uma forma do *site* comprovar a promessa do encontro de um par compatível para um relacionamento amoroso.

Na tela inicial dos *sites*, encontram-se fotos de casais se beijando, se abraçando, sorrindo um para o outro. Pode-se dizer que essas fotos representam o estereótipo do que seria um casal feliz. São publicadas, ainda, fotos de usuários recentemente cadastrados, as quais são atualizadas diariamente. A título de exemplo, veja-se a página inicial do Par Perfeito e do Como vai¹³.



Fonte: www.parperfeito.com.br (acesso em 20 de setembro de 2003).

¹³ Caso o leitor se interesse encontra-se no Anexo 1 a página inicial de dois grandes *sites* de relacionamento estrangeiros.

Fonte: www.comovai.com.br (Acesso em 20 de setembro de 2003)

Uma vez apresentadas essas características, passo agora para o funcionamento dos *sites*. Para utilizá-los, o usuário deve preencher uma ficha cadastral e escolher um *nickname*. Deve ainda optar pelo acesso gratuito ou pago.¹⁴

Em seguida, os usuários têm que responder a um longo questionário sobre suas características pessoais. Os questionários de alguns desses *sites* chegam a ter mais de 40 itens. O *site*, então, armazena os perfis de seus usuários de acordo com as informações por eles fornecidas a respeito de sua: idade, peso, altura, opção sexual, formação, tipo de pele, religião, aparência física, renda mensal, moradia, preferência gastronômica, literária e musical, hábitos de beber, de fumar, e muito mais.

Além do preenchimento desse questionário, o usuário deve sempre adicionar uma descrição pequena sobre si mesmo e sobre sua aparência física. Pede-se, também, que os usuários forneçam uma frase de chamada para seu perfil, como por exemplo, “médico amante da natureza procura namorada”, “olhos penetrantes, coração ardente”. Esses questionários (pessoal e do par desejado) configuram o que é chamado de perfil do usuário.

¹⁴ Atualmente, um mês de uso do Par Perfeito custa R\$ 29,00. Caso o usuário prefira assinar diversos meses, o valor mensal diminui.

O usuário pode incluir fotos suas em seu perfil. No caso do Par Perfeito, é permitida a inclusão de duas fotos. A primeira deve ser uma foto de rosto. É indicado que a segunda seja uma foto que mostre o usuário de corpo inteiro.

Além de responderem a esse questionário, os usuários preenchem um outro, indicando todas as características que seu par deverá ter. Para que o leitor visualize como o perfil aparece dentro do Par Perfeito, criei um fictício e apresento abaixo:



loirinharj2005

Menina do Rio que adora conversar!

Informações básicas

Sexo:

Feminino , Heterossexual

Idade:

24

Localização:

RIO DE JANEIRO , RJ , Brasil

Procura:

Amizade/Diversão

Relacionamento/Romance sério

Altura e peso:

1.58 metros , 51 quilos

Tipo físico:

Magro

Me considero:

atraente;interessante

Tom de pele:

Branco/Caucasiano

Olhos:

Pretos

Cabelos:

Liso; Loiros; Longos

Apresentação pessoal

Bem, é difícil ficar falando da gente por aqui. Sou uma pessoa divertida, de alto astral, que adora fazer amigos, viajar, dançar..... :)

Descrição do corpo

Sou baixinha, estou em forma, manequim 36/38! Olhos pretos e expressivos, cabelos lisos e longos.

Dados gerais

Meu estado civil:

Solteiro(a) sozinho(a)

Quanto à moradia:

Moro com minha família

Renda mensal:

Prefiro não dizer

Filhos:

Não tenho; Quero ter filhos

Religião:

Budista; Um(a) praticante dedicado(a)

Formação acadêmica:

Superior completo

Idiomas:

Português; Inglês; Espanhol

Ramo de Atuação:

Saúde - Odontologia

Sou do signo:

Peixes

Exercícios Físicos:

Com regularidade

Bebida Alcoólica:

Não bebo

Fumo:

Fumo regularmente

Com que frequência saio:

2 vezes por semana

Quando saio vou:

Bar, Cinema, Shopping, Casa de amigos, Museus

Hobbies:

Cinema, Dançar, Fotografia, Cozinhar

Esportes:

Velejar, Handeball, Montanhismo

Interesses

Gosta de assistir TV?

Gosto

TV e filmes, estilos prediletos são:

Romance, Documentário, Suspense, Drama, Comédia

Quanto você gosta de ler?

Gosto Muito

Estilos de leitura:

Ficção, Histórico, Moda

Estilos de música de que gosto:

MPB, Dance, Pop, Punk

Na maior parte do tempo meu visual é:

Fashion, Casual

Minhas preferências gastronômicas:

Comida árabe, Comida grega, Comida japonesa

Em relação as viagens:

Praias, Montanhas, Estudar/Intercâmbio

Possuo animais de estimação:

Não possuo animais

Sobre quem loirinharj2005 busca:

Sexo:

Masculino

Orientação Sexual:

Heterossexual

Idade:

21 a 30

Distância:

Na minha cidade

Procuo uma pessoa com altura entre:

1.74 e 1.85 metros

Peso ideal do meu par perfeito:

74 e 89 quilos

O corpo do meu par perfeito deve ser:

Pouco acima do peso

Tom de Pele de meu par perfeito:

Branco/Caucasiano

Olhos de meu par perfeito:

Tanto faz

Bebida Alcoólica:

Tanto faz

Fumo:

Tanto faz

Estado civil de meu par perfeito:

Solteiro(a) sozinho(a)

Moradia do meu par perfeito:

Tanto faz

Renda mensal mínima:

Prefira não informar

Formação mínima do meu par perfeito:

Superior incompleto

Signo(s) do meu par perfeito:

Tanto faz

Exercícios Físicos:

Com regularidade, Algumas vezes

Descrição de quem **loirinharj2005** busca: Gostaria de conhecer alguém que tenha um bom humor, goste de conversar e curta a natureza!

Fonte: <http://www.parperfeito.com.br/servlet/ProfileViewer?b6bbc2cacfc6cbcf6d9b9adb0b2c2afba>

0b2c2afba

Através do perfil apresentado acima, percebemos o quão detalhado é o perfil dos usuários.

Mas como os *sites* tentam cumprir a promessa de encontro de um parceiro amoroso? Basicamente, eles indicam usuários compatíveis uns aos outros e proporcionam que o usuário por si próprio busque outros usuários.

Os *sites* de relacionamento, através de um *software*, cruzam os dados de seus usuários, encontram pares cujos perfis sejam compatíveis. Para clarificar exemplifico. Marcela tem 25 anos, mora no Rio de Janeiro e tem terceiro grau incompleto. Ela deseja conhecer homens entre 25 e 35 anos, moradores do Rio de Janeiro e que tenham o terceiro grau completo. Assim, o *site* busca entre todos os usuários aqueles que têm o perfil solicitado e que queiram mulheres com o perfil de Marcela.

Uma vez encontrado os pares compatíveis, o *site* envia *e-mails* para os usuários. No caso do Par Perfeito, o usuário recebe um *e-mail* dizendo o seguinte: “Você acaba de receber uma flechada do nosso cupido. Encontramos perfis compatíveis com o seu. Quem sabe não encontramos quem você estava procurando?” Logo abaixo, aparecem o *nick*, as características e a foto do usuário compatível.

Além de o *site* indicar aos seus usuários quem são seus pares compatíveis, o próprio usuário pode procurar pessoas através de um sistema de busca. No Par Perfeito, há vários tipos de busca. Uma delas, por exemplo, é a busca detalhada, na qual o usuário define diversas características que seu par deverá ter e, após fazer isso, terá acesso a diversos perfis que condizem com seu desejo. Existe, ainda, a busca *online*, na qual o usuário tem acesso aos perfis dos usuários que estão conectados naquele momento.

É importante deixar claro que os *sites* de relacionamento não proporcionam encontros face-a-face entre seus usuários. O objetivo do *site* não é esse, ele apenas disponibiliza ferramentas para que seus usuários se relacionem e se comuniquem dentro do *site*.

Os *sites* disponibilizam duas formas de comunicação entre os usuários. A primeira delas é um serviço de troca de mensagens que funciona exatamente como um *e-mail*. E, ainda, um serviço de troca de mensagens privadas em tempo real, exatamente como um bate-papo. No caso do Par Perfeito, esse bate-papo é chamado de Papo Direto. O Papo Direto funciona da seguinte forma: um usuário convida outro para a conversa, ela apenas se inicia caso o usuário aceite o convite.

A maior parte dos *sites* disponibiliza também para seus usuários algumas dicas de como utilizar o *site*, como são descritas a seguir.

Os *sites* indicam que o usuário sempre coloque uma foto em seu perfil, pois afirmam que os perfis que dispõem de fotos são mais acessados do que aqueles que não têm. O Par Perfeito aconselha, ainda, que a foto de rosto deve ser recente e nítida, na qual o rosto apareça claramente e que seja evitado o uso de óculos escuros, bonés ou qualquer acessório que dificulte a visualização do rosto do usuário.

O cuidado com o preenchimento do perfil também é abordado. Eles afirmam que quanto mais o usuário preencher seu perfil e daquele que está buscando, mas facilmente será encontrado e/ou encontrará pares compatíveis. Além disso, orientam que os usuários sejam criativos ao escreverem de si mesmo. Veja-se um exemplo dado pelo *site*:

“Seja criativo para escrever, se gosta de ir à praia diga:”gosto do mar, do sol das pessoas bronzeadas e felizes, por isso a praia é o lugar onde me divirto mais”, se prefere ficar em casa curtindo o seu espaço (que certamente vai adorar dividir.), escreva: "a sensação de estar em casa e fazer exatamente o que quero e quando

quero me deixa muito feliz, por isso não perco a oportunidade de curtir a minha cama, o meu vídeo e ficar em casa!” (Disponível em http://www.parperfeito.com.br/ajuda/dicas/dica_indolonge.jsp)

Ademais, os *sites* afirmam que os usuários devem ter cuidado com a linguagem escrita utilizada, e devem ficar atentos para evitar muitos descuidos no uso da língua portuguesa. No Par Perfeito, encontra-se uma seção intitulada “Como anda seu português?”, na qual se atenta para a importância de evitar erros grotescos de escrita tanto durante a comunicação entre os usuários como também no preenchimento do perfil. Nessa seção, encontra-se, também, algumas explicações de deslizos gramaticais freqüentes, como o uso incorreto de: “mas” ou “mais”; “ao invés de” ou “em vez de”; “a fim de” ou “afim”; “a” e “há”; “acerca de” ou “há cerca de”; “onde” ou “aonde”; “mal” ou “mau”, etc. O *site* coloca que erros como esses podem afastar possíveis pretendentes. Jocosamente, garantem que erros como esses na Internet podem ter o mesmo feito de falar “nós vai” ao telefone.

Os *sites* não fornecem muitas dicas de como os usuários devem abordar uns aos outros. O Par Perfeito sugere, apenas, que seus usuários evitem mostrar ansiedade ao entrar em contato com outro, mandando diversos *e-mails* ou tentando se comunicar repetidamente com o mesmo usuário.

Essas dicas nada mais são do que um manual de como os usuários devem proceder para utilizar o *site* bem como as melhores formas de se apresentarem e se aproximarem uns dos outros.

As características e formas de funcionamentos principais dos *sites* de relacionamento já foram apresentadas. Fica, agora, uma pergunta: quem são os usuários desses *sites*?

Em meados de 2004, entrei em contato com alguns assessores de imprensa de alguns dos principais *sites* de relacionamento brasileiros para tentar obter alguns dados demográficos de seus usuários. Todavia, tive resposta apenas da equipe de imprensa do Par Perfeito que me forneceu os dados apresentados a seguir.

Em relação à faixa etária, os usuários se dividem da seguinte forma: 21% têm até 18 anos, 30% têm de 19 a 24 anos, 29% têm de 25 a 34 anos e 20% têm acima de 35 anos. Assim, a grande maioria dos usuários tem entre 18 e 34 anos o

que demonstra que o Par Perfeito parece não estar atraindo muitos usuários de faixas etárias maiores.

Quanto à formação acadêmica, 33% dos usuários estão cursando o nível superior, 29% têm o segundo grau completo ou técnico, 23% têm o nível superior completo, 10% são pós-graduados e apenas 5% somente completaram o primeiro grau.

Por fim, os dados dizem respeito à localização demográfica dos usuários: 39% residem em São Paulo, 24% no Rio de Janeiro, 15% no Sul do Brasil, 6% em Minas Gerais e 16% residem em outros estados no Brasil. Dessa forma, os dados revelam que a maior parte dos usuários do *site* se encontra nos grandes centros urbanos do nosso país, principalmente, nos seus dois maiores estados: Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados estatísticos acima servem apenas para o conhecimento de algumas características básicas de quem são os usuários do Par Perfeito. Acredito, no entanto, que os outros grandes *sites* de relacionamento brasileiros comportem usuários com um perfil bastante semelhante ao encontrado no Par Perfeito. Isso porque, eles têm funcionamento e preços bastante similares.

Em suma, ao longo dessa seção, que discuti alguns dos impactos do surgimento da Internet nos relacionamentos amorosos, vimos que ela foi responsável pelo surgimento de novos tipos de relacionamentos, os denominados relacionamentos virtuais. Estes aconteciam principalmente nos inúmeros canais e programas de bate-papo. Seus usuários os utilizam das seguintes formas: (1) para conhecer novas pessoas com as quais viriam a se relacionar no mundo “real”, (2) para estabelecer relacionamentos que se iniciavam e se mantinham no mundo virtual e (3) para se comunicarem com pessoas que já faziam parte dos círculos sociais do mundo “real” mas que estavam geograficamente distantes.

O uso dos *chats* permanece até hoje. Um tempo depois do aparecimento deles, vimos surgir os *sites* de relacionamento. Já sabemos como eles funcionam, qual são os seus objetivos e, ainda, algumas características básicas de quem são seus usuários. Não descobrimos, ainda, os motivos pelos quais tantos homens e mulheres estão utilizando os *sites* de relacionamento. Assim sendo, acredito ser importante ouvi-los mais profundamente a fim de investigar quais são seus objetivos e como usam esses *sites*. Para tal, foi realizada uma pesquisa de campo cujos objetivos e procedimentos metodológicos serão apresentados no próximo capítulo.